DA MODA DO CORPO AO CORPO DA MODA: DESCONTINUIDADES DISCURSIVAS SOBRE O SUJEITO "GORDO".

Michelle Aparecida Pereira Lopes[1]

Resumo*:* Ao longo dos dois últimos séculos vimos a associação entre peso e beleza produzir o "corpo da moda": magro e por isso saudável, elegante, bonito e desejado. No entanto, os anos finais do século XX e os iniciais do século XXI, parece-nos apresentar uma suavização dos discursos sobre o sujeito "obeso", ou "gordo", ou "com excesso de peso", à proporção que o termo "plus size", adotado pelo discurso da moda para manequins de tamanho superior ao 44, passa a inserir o sujeito em um lugar social diferente: da beleza, da elegância e do desejo. Assim, pensamos a questão do corpo "gordo", "obeso", ou "plus size", como fruto das mutações do olhar sobre o corpo ao longo dos dois últimos séculos, respaldados na perspectiva histórica da Análise de Discurso francesa, sobretudo nos estudos de Michel Foucault e Jean-Jacques Courtine para empreender nossas análises.

Palavras-chave: Discurso; Sujeito; Corpo.

Résumé: Au cours de deux dernières années il s'est aperçu l'association entre le poids et la beauté produire "le corps à la mode": mince et ainsi sain, élégant, beau e désiré. Cependant, dans les dernières années du siècle XX et les premières du siècle XXI, il nous semble présenter un lissage des discours à propos du sujet "obèse", ou "gros", ou encore "avec un excès de poids", à mesure que le terme "plus size", comme issue des mutations du regard sur le corps au long des deux derniers siècles, sutenus dans la perspective historique de l'Analyse du Discours Française, surtout dans les études de Michel Foucault et de Jean-Jacques Courtine pour entreprendre nos analyses.

Da moda do corpo ao corpo da moda

A história do corpo é a história dos discursos que o circundam e o perpassam. Na história há momentos em que o corpo humano tornou-se o foco de observação e o objeto de estudo de diferentes ciências em distintas perspectivas. Esse percurso, algo que poderíamos chamar de "uma ordem do olhar sobre o corpo", nos revela uma história do corpo que, ao longo dos séculos, acabou por desencadear os processos de subjetivação do corpo, como nos apresenta Courtine (1997), no texto "The Body", em que desenha o quadro do pensamento contemporâneo do corpo retratando, assim, uma genealogia do indivíduo moderno como sujeito. Segundo Courtine, a ideia de uma genealogia discursiva sobre o corpo insere-se na

[1] Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, sob orientação da professora Dra. Vanice Sargentini. Mestra em Linguística pela Universidade de Franca, UNIFRAN (2013) e graduada em Letras pela Fundação de Ensino Superior de Passos, FESP/UEMG (2008). Docente dos cursos de pós-graduação em Ciências da Linguagem e graduação em Letras na Fundação de Ensino Superior de Passos, FESP/UEMG.

história do pensamento francês do século XX e permite esclarecer-nos como o corpo se tornou um objeto histórico e teórico ao longo do último século. Por isso, apoiamo-nos nesses estudos para descrevermos aqui a trajetória histórico-discursiva que pôs o "corpo na moda", ou seja, em evidência nos estudos das diversas ciências, para, na sequência, ditar padrões de um "corpo da moda".

A curiosidade pelo corpo começou a ser despontada no fim do século XIX, quando Freud observou que o inconsciente fala através do corpo.

> (...), na virada do século, Freud, observando o teatro da histeria na Salpêtrière, compreendeu o mecanismo da histeria de conversão. Um novo laço se estabeleceu, desde então, entre o espírito e o corpo. É a primeira vez que se enunciava, com tanta clareza, que alguma coisa, que viria a ser chamada de inconsciente, falava através do corpo. (COURTINE, apud MARQUES, CONTI & FERNANDES, 2013, p. 40)

Os estudos do psicanalista promoveram o fim do dualismo cartesiano do "corpo/alma". Era o abandono da perspectiva de que a alma fala pelo corpo e o limiar de uma nova: é o inconsciente que fala através do corpo, logo, é também através do corpo que o sujeito fala. Se o corpo fala porque tem um inconsciente, então no corpo se inscrevem dizeres oriundos dos mais diversos campos teóricos. A perspectiva freudiana avigorou o corpo como objeto teórico ao reforçar que esse não está desvinculado de seu interior. Para Courtine, essa foi a primeira e mais importante etapa de evidenciação do corpo.

Outra etapa desse processo é, sem dúvida, a fenomenologia.

> A aplicação da distinção entre método científico e método experimental para o estudo do corpo deu origem a duas considerações diferentes do fenômeno da corporeidade: a consideração científica, a qual estuda o corpo-coisa, o corpo objeto, o corpo situado no mundo, o corpo como se manifesta aos outros, e a consideração fenomenológica, que estuda o próprio corpo, como é sentido, experimentado, vivido. (...) Depois dessas primeiras aquisições, tiradas da experiência ordinária e da pesquisa científica sobre a estrutura da somaticidade, demos um passo à frente em direção a uma compreensão mais profunda somática, estudando suas principais funções. Essas são múltiplas. Pode-se mesmo dizer que elas se referem a toda atividade humana, já que não há nenhuma operação do homem que não tenha uma componente somática mais ou menos visível. Assim, a somaticidade é componente fundamental do existir, do viver, do conhecer, do desejar, do fazer, do ter etc. Ou seja, o corpo é elemento essencial do homem. Sem ele não pode alimentar-se, não pode reproduzir-se**,** não pode aprender, não pode comunicar e não pode divertir-se. É mediante o corpo que o homem é um ser social e é um ser no mundo. (SOARES, 2008, p. 35-36)

Os estudos fenomenológicos marcam a passagem do emocional/psíquico para a somatização no corpo. As dores físicas são os sinais, os sintomas, de que o corpo está em sofrimento. O corpo, então, fala através de seus sintomas e, por isso, é possível observá-lo através de seus sinais externos. Uma sintomatologia que, para Husserl, torna o corpo o "berço original" de toda significação. Essa noção permitiu conceber o corpo unido ao sujeito e, assim, foi farta de consequências teóricas e filosóficas, entre elas, o trabalho de Merleau-Ponty[2].

> (...) Edmund Husserl fazia do corpo humano como o "berço original" de toda significação. Sua influência foi profundamente sentida na França, e conduziu da fenomenologia ao existencialismo, à concepção elaborada por Maurice Merleau-Ponty do corpo como "encarnação da consciência", seu desdobramento no tempo e no espaço, como "pivô do mundo" (SOARES, 2008, p. 36).

Há ainda, segundo Courtine, um terceiro fundamento que colocaria o corpo no centro das pesquisas. Estudos oriundos da Antropologia, como os de Marcel Mauss sobre as "técnicas do corpo[3]". Mauss observou, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que soldados franceses e ingleses possuíam técnicas diferentes entre si para cavar buracos e para marchar. Os soldados, de culturas diferentes, serviam-se do corpo de maneiras distintas para executarem as mesmas tarefas. Na tentativa de compreensão dessas singularidades, e também do espanto que elas lhe causaram, Mauss elabora a noção de "técnica do corpo" – os sujeitos, das diversas sociedades, possuem uma tradição no uso do corpo para execução de trabalhos. A pesquisa de Mauss suscitou reflexões não somente históricas, mas também antropológicas.

O corpo, portanto, estava definitivamente atado ao inconsciente, preso ao sujeito e estabelecido na cultura social, no entanto, ainda havia uma barreira a ser vencida para que se tornasse o objeto teórico sobre o qual nos debruçamos hoje: as questões do estruturalismo linguístico.

> (...) será preciso superar a grande resistência estruturalista sobre a questão do corpo e do sujeito: o corpo, marcado pelo sujeito, ele próprio imerso nas ilusões da consciência... tudo isso constituiu sem dúvida nenhuma um obstáculo para o corpo ser tomado teoricamente como objeto. Será preciso que o estruturalismo se apague progressivamente de nosso universo intelectual para que a questão do corpo reapareça. (COURTINE, apud MARQUES, CONTI & FERNANDES, 2013, p. 41)

---

[2] MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. C.A.R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

[3] MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e antropologia*. Tradução Mauro Almeida. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1974, vol. II, PP. 209-233.

Dessa forma, desde o fim da guerra até a década de 1960, enterrou-se a questão do corpo. A situação, contudo, começaria a mudar entre 1960 e 1970, quando o corpo voltou à cena como local de manifestação política e social. O corpo reaparecia para contestar, para protestar contra o legado de disciplinas e hierarquias culturais do passado. O corpo, naquele momento, passou a ser usado para reivindicar a favor dos oprimidos e dos marginalizados: as mulheres, os homossexuais, os doentes psiquiátricos, entre outros. Nas ruas, as mulheres gritavam "Nosso corpo nos pertence" reivindicando o direito ao aborto, à liberdade sexual e ao controle de seus corpos. E foi assim que o corpo passou a "representar um papel extremamente importante, identificaram nele a promessa política de uma liberação, o que teve um efeito intelectual considerável" (COURTINE, 2013, p. 41).

O corpo, então, estava "na moda" e ganhou ainda mais relevância teórica com o trabalho de Michel Foucault, filósofo responsável por inscrever o corpo no "horizonte histórico da longa duração" (SOARES, 2008, p. 38). Os estudos foucaultianos evidenciaram os poderes e a vigilância exercidos sobre o corpo. Suas pesquisas revelaram como as redes discursivas dos saberes das ciências humanas se distribuíram e passaram a olhar para o corpo, enfatizando "as mutações do olhar" sobre esse.

Se por um lado o desnudamento do corpo, colocado em evidência do lazer à intimidade, da moda ao comportamento, acentuou o zelo sobre ele, por outro, abriu espaço para um maior controle e coerção desse corpo. Queremos dizer que reivindicar o controle do corpo é também esbarrar nas coerções relativas ao controle desses mesmos corpos ditadas pelo poder e pela força das normas sociais.

> Propõe-se ao homem de bem da modernidade, intimado a uma prestação de contas de seu corpo, tal como antigamente da alma, um cálculo de probabilidades. Como o Estado ocidental instituiu uma ordem dos corpos, cujas energias e competências contabiliza, pretende otimizar o seu funcionamento. Se a intervenção dos poderes em matéria de saúde pública comprova aquilo que Michel Foucault denominava a governamental idade da vida, estimula também o cuidado consigo mesmo. O cidadão de bem não deve reformar seu comportamento em função dos decretos da ciência? (SOARES, 2008, p. 40-41)

Isso se dá porque os saberes e os poderes produzem discursos que ao longo do tempo se cristalizam e, depois de institucionalizados acabam objetivando padrões e coagindo o corpo a ser dessa ou daquela forma. O saber da medicina confere-lhe o poder de criar categorias que separaram/separam os sujeitos em loucos e sãos, normais e anormais, magros e gordos.

É dessa forma que chegamos ao que chamamos nesse texto de "corpo da moda". Para falarmos dele respaldamo-nos na perspectiva foucaultiana que desvinculou o sujeito de sua

individualidade para considerá-lo em uma posição constituída a partir dos discursos que o interpelam socialmente. É por isso que podemos considerar que o "corpo da moda" é uma construção histórica, social, enraizada nos discursos que o produziram.

O papel do discurso da Medicina na constituição do "corpo da moda" é crucial. Em 1975, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu a obesidade como uma doença. A ideia de que um corpo saudável e bonito é um corpo magro foi "comprada" pela mídia, pela moda, pelo esporte, etc. Os "respingos" desse saber do discurso médico formaram uma rede composta por uma série de outros discursos e várias práticas sociais. É por isso que no século XX vimos o auge do "corpo da moda": as famosas dietas, o *boom* das academias de ginástica, maior valorização do esporte, o início dos programas de controle do peso e reeducação alimentar nas revistas e na tevê, as modelos extremamente magras na passarela e em fotos. Tudo em busca do padrão estético prescrito por tabelas como a do Índice de Massa Corporal (IMC). O IMC resulta da divisão do peso pela altura ao quadrado. Há seis categorias baseadas no valor da divisão, conforme nos mostra a tabela a seguir:

Tabela 1: Índice de Massa Corporal

IMC	Classificação
abaixo de 18,5	Subnutrido ou abaixo do peso
entre 18,6 e 24,9	Peso ideal (parabéns)
entre 25,0 e 29,9	Levemente acima do peso
entre 30,0 e 34,9	Primeiro grau de obesidade
entre 35,0 e 39,9	Segundo grau de obesidade
acima de 40	Obesidade mórbida

Podemos considerar que o discurso presente nas escalas numéricas da medicina, ao adentrar outros campos foi relevante para que o excesso de peso passasse a ser encarado como pecado e o sujeito, agora objetivado como "obeso", alguém sem nenhuma virtude. À medida que o discurso da medicina objetivava os sujeitos, a magreza foi se legitimando e se tornando uma obrigação. Se, por um lado a associação entre peso e beleza produziu o que chamamos aqui de "corpo da moda": um corpo magro e por isso, saudável, elegante, bonito e desejado,

por outro, discriminou o(s) sujeito(s), objetivando-os em 'magro' e 'gordo' e, ainda, atribuiu o valor estético positivo ao primeiro e negativo ao segundo. Para Vigarello, 2012, p. 15, "A história do gordo é a de um corpo (...) que a sociedade rejeita sem que a vontade possa sempre alterá-lo".

O percurso descrito até aqui nos evidencia que a percepção do que hoje denominamos um "corpo da moda" se deve à linguagem. Os diversos enunciados inscritos em uma série de formulações, no interior de uma memória discursiva[4] propiciaram que vários "olhares" fossem atribuídos ao corpo. A partir dos enunciados dos diversos campos do saber – que produziram toda uma rede discursiva sobre o corpo – construiu-se o "corpo da moda" da forma como o enxergamos e o percebemos hoje.

> (...) o que ordena a percepção dos corpos segundo as lógicas das analogias, das simpatias e das assinaturas (...). Mas logo se vê que um regime de visibilidade determina um conjunto complexo de campos de legibilidade, específicos, mas vinculados, que lhe conferem em troca uma existência material. (...) Quando se pergunta pelas profundezas da carne, são outro tanto a espessura sedimentada da linguagem e os múltiplos deslocamentos do olhar que respondem (COURTINE, 2013, p.80).

Somente uma (re)construção de todo um "regime de olhares" sobre o corpo permitiria uma mudança na concepção desse "corpo da moda".

Descontinuidades discursivas sobre o "corpo da moda"

"Nenhuma história do corpo que não seja uma arqueologia dos discursos e uma genealogia dos olhares" (COURTINE, 2013, p.80). É a partir dessa citação de Courtine que nos propomos a pensar, nesse trecho de nosso artigo, em possíveis descontinuidades discursivas acerca do "corpo da moda" que tem nos conduzido a repensar um padrão estético para o corpo neste limiar de século. Afinal, o olhar sobre o corpo muda, quando mudam os discursos sobre ele.

Para tanto, retomemos rapidamente a história narrada na seção anterior. Vimos que a partir de 1960 e 1970 o corpo se tornou o objeto pelo qual as mulheres reivindicavam direitos. Exigia-se o controle do próprio corpo, no entanto, este permaneceria sob a égide de padrões estéticos que regulariam seu peso.

[4] Segundo Courtine, 2006, p. 79, "[...] a função interdiscursiva como domínio de memória permite ao sujeito, portanto, o retorno e o reagrupamento de enunciados assim como o seu esquecimento ou apagamento."

> 'Manter a linha' tornou-se um culto. A magreza ativa foi a resposta do século à gordura passiva(...)No decorrer do século XX, a mulher se despiu. O nu, na mídia, na televisão, em revistas e praias, incentivou o corpo a se desvelar em público (...) uma estética esportiva voltada ao culto do corpo, fonte inesgotável de ansiedade e frustração (...). Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar a alma, mas sim o corpo da desgraça da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno mas a balança e o espelho. 'Liberar-se', ao contrário do que queriam as feministas, transformou-se em sinônimo de lutar, centímetro por centímetro, contra a decrepitude fatal.(...) A tirania da perfeição física empurrou a mulher não para busca de uma identidade, mas de uma identificação (DEL PRIORE, 2013, p. 175-176).

Os dizeres da historiadora Mary Del Priore conduzem-nos a pensar na base que sustentou uma "história do olhar" para o corpo durante todo o século XX. Essa base regulou, desde os anos finais do século XIX até o início deste século XXI, "uma ordem do olhar" sobre o corpo, inscrita na "ordem do discurso". A "ordem do olhar", inscrita na "ordem do discurso", distinguiu "magros" de "gordos". Aos primeiros, estavam intrínsecas as virtudes, portanto, cabiam-lhes os lugares sociais da beleza, da elegância, da sensualidade. Aos últimos, em contrapartida, associavam-se os pecados e, consequentemente, os lugares sociais da feiura, do desmazelo, da incapacidade de exercer atração física. "A obesidade, fantasma do final do século XX, já provocava, no século XIX, interjeições negativas. (...) 'sacudindo suas carnes na rua, e a grossa circunferência de seus braços'(...) detentoras de um corpo negligenciado, corpulento e pesado(...)" (DEL PRIORE, 2013, p. 208).

Porém, os anos iniciais do século XXI, parecem-nos deixar vir por terra algumas concepções que sustentaram toda essa "ordem de se olhar o corpo gordo" até então. Sabemos que a população mundial aumenta progressivamente de peso, ou seja, o número de sujeitos acima do peso nunca foi tão alto como agora. Seria necessário (re)formular a maneira de enxergar o obeso, para que essa parcela tão grande da população pudesse elevar seu nível de consumo. Nesse sentido, a publicidade criou comerciais e produtos que valorizam a "real beleza"[5], aquela beleza interior, portanto, dissociada do peso do corpo.

Ao encontro do discurso que dissocia beleza e peso vão também as campanhas de combate aos desajustes alimentares como a bulimia e a anorexia que produziram mulheres extremamente magras, mas doentes.

[5] O trecho pode ser exemplificado pela campanha "Real Curves", em português "Real Beleza", produzida pela marca de cosméticos Dove, em 2004. Criada pela agência Ogilvy, conquistou o interesse do público ao colocar "mulheres reais" para anunciar produtos de beleza. Inovadora, a campanha foi muito celebrada nos anos de 2004 e 2005, não somente pela direção de arte ou produção milionária, mas pela autenticidade e pela exploração com perfeição da promoção da auto-estima das mulheres.

A maior aceitação da gordura e da obesidade produziu também modificações no campo jurídico. Há leis como a de número 10.527, de 26 de maio de 2000, que regulamenta a adoção de "assento especial" adequado para o uso de pessoas obesas em locais como teatros, cinemas e ônibus. Há ainda, circulando em nossos dias, o discurso do politicamente correto que prima pela integridade moral do sujeito e, sendo assim, tenta preservar o obeso de se tornar alvo público de dizeres maldosos.

Poderíamos pensar assim, em um sistema, composto por práticas discursivas e não discursivas, que vem regendo o aparecimento dos enunciados "plus size". Dizer isso implica reconhecer que, conforme Foucault, há condições de enunciabilidade relacionadas a um sistema de funcionalidade que rege o aparecimento dos enunciados sobre o sujeito "plus size". Conforme Foucault, 1969 apud Courtine, 2009, p. 130, "de uma maneira geral, pode-se dizer que uma sequência linguística somente é um enunciado se ela estiver imersa num campo enunciativo onde ela aparece, então, como um elemento singular". Ainda, conforme Courtine, 2009, p. 89,

> O enunciado apresenta, pois, um "campo enunciativo", um "campo adjacente", "um espaço colateral" ou ainda um "domínio associado": esse domínio associado, sem a existência do qual a "função enunciativa" não pode ser exercida, consiste em uma rede de formulações nas quais o enunciado se insere e forma elemento.

A valorização do sujeito feminino dito e tido como gordo ou obeso, possui condições de emergir nesse momento da história porque há todo um conjunto de práticas sociais discursivas e não discursivas em voga que sustentam seu aparecimento.

Portanto, se nos dois últimos séculos tornou-se impossível associar uma mulher com excesso de peso à beleza e à sensualidade, hoje vemos uma onda de novos dizeres sobre esse sujeito embalados pelo termo "plus size"[6]. Desde que os enunciados que adotam o termo invadiram as passarelas, as revistas, a internet, os concursos de beleza, seu uso nos soa como uma descontinuidade discursiva que tende a estabelecer, juntamente com outras práticas, uma nova maneira de ver e dizer sobre o sujeito acima do peso e, assim, inseri-lo em um mercado que antes lhes virava as costas: os desfiles das grandes grifes, a alta costura e o mercado da moda *fashion*. Além disso, os enunciados nos quais o termo plus size aparece podem vir a

[6] A origem do termo data dos anos iniciais da década de 1900. Foi quando a estilista norte-americana, Lane Bryant, começou a criar modelos de roupa para mulheres grávidas e chamou-os de modelos *plus size*, ou tamanho extra. No início do século XXI o mercado da moda passou a usar o termo para nomear os manequins superiores a 44.

estabelecer uma nova posição social para o sujeito até então dito e visto como gordo. Isso se dá porque "o sujeito do enunciado é uma função vazia podendo ser preenchida por indivíduos até certo ponto indiferentes, ao formularem o enunciado" (FOUCAULT, 1969 apud COURTINE, 2009 p. 123). Assim sendo, o sujeito, hoje chamado de plus size, é da ordem do construído, resultado de um processo que assim o constituiu. Nesse processo, encontram-se os discursos do passado perpassados pelos da contemporaneidade. Nesse embate circulam e reformulam-se constantemente os sentidos. A mulher obesa, antes vista como doente pela medicina, como desproporcional para a moda, como feia para a estética, ao ser inserida em campanhas que a nomeiam de plus size, (re)criam sentidos que poderão deslocá-la para a posição da salubridade, da elegância, da beleza e da atração física.

Para olhar para todo esse processo de continuidades e descontinuidades acerca do corpo do sujeito e de seu peso, precisamos constituir um arquivo foucaultiano que nos possibilite analisar os enunciados sobre o "plus size" como "acontecimentos singulares". Segundo Castro, 2009, p. 43, "o arquivo [para Foucault] é, em outras palavras, o sistema das condições históricas de possibilidade dos enunciados".

A partir dessa concepção, podemos perceber que os dizeres sobre o sujeito plus size, especialmente a mulher, estão presentes em enunciados de diferentes materialidades, em diversos suportes, nos mais variados campos do saber. São imagens publicitárias, encartes de moda, propagandas de concursos de beleza, nomes de sites e blogs na internet[7]. Encontram-se além das tabelas da esfera médica, estão também no jurídico, no marketing, na moda, na mídia. Olhar para tudo isso é observar como se deram as continuidades e as descontinuidades que fizeram/ fazem com que os sentidos se dispersem, circulem e se legitimem.

Um longo trajeto histórico e social, instaurado pelo(s) discurso(s), trouxe o sujeito plus size ao lugar que ele ocupa hoje.

O corpo plus size está na moda

Na tentativa de exemplificar o que dissemos até aqui, apresentaremos a seguir um exercício de análise de uma imagem retirada da internet. Nela, a palavra plus size aparece nomeando a mulher que está acima do peso.

[7] Por exemplo, o blog Mulherão: http://mulherao.wordpress.com/

Imagem I: Modelos plus size em capas de revista

« Modelos Plus Size em Capas de Revistas Mulheres Gordinhas em Alta Foto (imagens)

Fonte: "Essas e outras"

A imagem foi retirada do blog "Essas e outras" <http://essaseoutrasmais.blogspot.com/>. Nela, vemos várias capas de revistas de grande circulação entre o público feminino de todo o mundo: Elle, Vogue, Hungry, e outras. As várias capas trazem mulheres vistas e ditas como gordas. Na reportagem do blog, a imagem está acompanhada do enunciado verbal "Modelos Plus Size em Capas de Revistas Mulheres Gordinhas em Alta". Essa mescla de materialidade verbal e imagética é usada pelo blog para provar que as mulheres ditas e vistas como gordas estão cada vez mais presentes na mídia, na publicidade e na moda. Sendo uma capa de revista de moda um local tido socialmente como de mulheres bonitas e atraentes, a presença de mulheres "gordas" corrobora para que se apague a noção anterior que associava beleza unicamente ao número do manequim, (re)construindo e reforçando a ideia da beleza interior. Ao estampar capas de revistas de prestígio, as mulheres ditas e vistas como "gordas" podem galgar uma nova posição social:

deixa o lugar da feiura, do desmazelo, da falta de controle sobre sua gula, passando ao lugar da beleza, da elegância e do controle de seu próprio corpo.

No final do enunciado aparecem a forma diminutiva "gordinhas" e a expressão popular "em alta". Ao mesmo tempo em que "gordinhas" marca a objetivação ainda presente em nossa sociedade em relação ao peso, também sinaliza uma aceitação maior da gordura, soando como uma suavização do olhar sobre o corpo dito e visto como "gordo", já que a forma diminutiva constrói a delicadeza e o carinho com que se olha e se fala do corpo gordo em nossos tempos. Da mesma forma, a expressão "em alta" coloca a mulher acima do peso no topo, como se essa tivesse percorrido um longo caminho até que pudesse ocupar na sociedade a posição mais alta. A mulher acima do peso emerge como aquela que venceu preconceitos, tabelas médicas, discursos contrários e impôs-se à sociedade como dona de si mesma, de seu corpo e de suas medidas. E, assim, a moda do corpo plus size invade a sociedade, os dizeres e pode vir a transformar o nosso olhar sobre o corpo.

Algumas considerações

Para esse artigo pensamos em descrever uma trajetória do corpo nos estudos científicos que levou à constituição de todo um regime de olhar sobre ele. Nosso foco foi o corpo dito e visto como gordo e nosso objetivo foi ressaltar, ainda que superficialmente, como se construiu discursivamente a imagem que temos desse corpo desde os anos finais do século XIX até esse início de século XXI. Uma imagem fruto da estigmatização da gordura desencadeada pelo discurso da Medicina e amalgamada por outras instâncias como a publicidade e a moda.

Por outro lado, buscamos também compreender como alguns "novos" dizeres vêm sinalizando uma possível mudança na forma como se vê e se diz do corpo gordo nas primeiras décadas desse século. Para isso, analisamos discursivamente o uso do termo plus size pela mídia e pela moda, como uma das possibilidades de se (re)construir a imagem do corpo acima do peso e, com isso, estabelecer uma nova maneira de se olhar para ele.

Sabemos que é preciso bem mais que uma palavra para se (re)construir uma "nova" imagem do corpo e, portanto, o uso do termo plus size não é o único responsável por toda mudança. Pretendemos mostrar aqui que o uso desse termo sinaliza uma descontinuidade na maneira de conceber o sujeito gordo, especialmente a mulher, prenunciando aquilo que chamaríamos de um "novo" regime de olhar a ser estabelecido daqui em diante: um olhar atenuado, moderado. Uma amenização dos discursos que censuraram o corpo gordo ao longo

da história e acabaram por aprisionar o sujeito em determinados lugares sociais. Uma "nova" ordem do olhar inscrita em uma "nova" ordem do discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOG ESSAS E OUTRAS. *Modelos Plus Size em Capas de Revistas*. 2014. Disponível em: < http://essaseoutras.xpg.uol.com.br/modelos-plus-size-em-capas-de-revistas-mulheres-gordinhas-em-alta-foto/>. Acesso em: 01 jul. 2014.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault* – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Muller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COURTINE, J.J. *Decifrar o corpo*: pensar com Foucault. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. *Análise do discurso político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUSFCar, 2009.

_____. Foucault e a História da Análise do Discurso, olhares, objetos: entrevista com Jean-Jacques Courtine. In: MARQUES, W., CONTI, M. e FERNANDES, C. (org.) *Michel Foucault e o Discurso*: aportes teóricos e metodológicos. Uberlândia: EDUFU, 2013.

DEL PRIORE, M. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

FREIRE, D. de S. Com açúcar, sem afeto. In: DEL PRIORE, M. e AMANTINO, M. (org.) *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 452-475.

NOVAES, J. de V. Beleza e feiúra: corpo feminino e regulação social. In: In: DEL PRIORE, M. e AMANTINO, M. (org.) *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 477-506.

SÁ, I. e SARGENTINI, V. O jogo das imagens: a espetacularização da memória na mídia. In: GREGOLIN, M.R. e KOGAWA, J.M.M. (org.) *Análise do discurso e semiologia*: problematizações contemporâneas. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. (Série Trilhas Linguísticas, n. 20). P. 245-269.

SOARES, M.C. *Da antropologia à ética*: a questão da corporeidade. Kairós – Revista da Prainha, Ano V, n.1, jan/jun 2008, p. 32-49. Disponível em: < http://www.catolicadefortaleza.edu.br/wp-content/uploads/2013/12/2.Marly-Da-antropologia-%C3%A0-%C3%A9tica-formatado-e-corrigido-ok.pdf> . Acesso: 26 jun. 2014.

VIGARELLO, G. *As metamorfoses do gordo*: história da obesidade. Tradução de Marcus /Penchel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.